

I

O Espelho Veneziano

Augusta, não, Adelaide. Era Adelaide o seu nome. Nunca a vi em corpo inteiro. Se tinha ancas largas e pernas bem ou mal modeladas, não sei. Se usava em casa sapatos de corda e combinações de cetim a aparecer por baixo das saias, não sei. Sempre debruçada na janela que dava para um quelho sombrio e pouco percorrido, debruçada, a fumar charuto ou a comer um prato de arroz de cabidela. Melena de cabelo ruivo, apanhada com um gancho de ouro, seria. Verão ou Inverno, uma velha capa de lã merino sobre os ombros: no Inverno, sobre uma camisola grossa, de alpaca, cor de terra; no Verão, sobre um vestido florido,

sem mangas, cobria os braços riscados de veias azuis e vermelhas, como uma tira rasgada de um mapa de estradas.

Eu via na parede do fundo do quarto um espelho veneziano, um grande espelho veneziano, oval, na parede do fundo; reflectia-lhe as costas, de ossatura estreita, a nuca ruiva, preso o cabelo emaranhado com um gancho de ouro, era.

Reflectia no espelho essa imagem de Adelaide de quando fora muito jovem rapariga, há tantos anos. Podiam ser cem, ou mais, porque o tempo ali era lento, distraía-se com tudo, com o fumo das queimadas das vides, com o toque dos sinos, o cheiro do bagaço, o calor que fazia estalar as madeiras dos soalhos, o sol, uma sombra vermelha a pousar nos montes, a desaparecer por trás.

Na janela ao lado, apoiava os cotovelos descarnados, no peitoril descarnado, de lenhos abertos, secos, o senhor Melo. Melo, dos Melos, da Casa de Pombal. Fumava charuto e tossia, tossia. A quem passava em baixo, na calçada ensombrada por centenárias laranjeiras da casa em frente, perguntava:

— Aonde vais? Donde vens?

Paravam, encostavam-se ao muro e lá contavam ao que iam e donde vinham. E eram sempre longas as conversas; confissões, ajustes, desfeitas, a adega, as demoras, muito vinho, tareias e mortes. Vagarosas narrativas, cheias de pausas e de intenções.

E o tempo parava outra vez. Porque ali o tempo era surpreendido e afectado perante a surpresa, parava.

Augusta, Adelaide, digo, tinha casado com o senhor Melo na igreja nova do seminário, desguarnecida de altares de talha, ampla como um ginásio, fria como uma mina de água, daquelas que rompem os montes em corredores profundos. Veios de água. Veias de água gelada e azul.

Adelaide usava luvas de renda de cor creme e uma pequena bolsa bordada com pérolas e laços de fita de seda. Não sabia se deveria tirar a luva para que o noivo lhe enfiasse a aliança no dedo, e uma gota de suor escorreu-lhe no rosto, deixando uma linha desenhada no pó-de-arroz. Não tirou a luva.

Na bolsa bordada com pérolas e laços de fita de seda de cor creme, que prendiam minúsculas rosas de Santa Teresinha, guardava o lenço e uma pagela de Santa Hildegarda, a Sibila do Reno. Sabe-se lá onde

teria ido desencantar tal devoção! Ela, que mal sabia ler e escrever.

Isto, contava-se. Porque eu nunca a vi senão naquela janela de guilhotina, e que fora verde, a fumar charuto, a descascar meticulosamente uma tangerina, retirando-lhe todos os fios, num ritual de escalpe, deixando os gomos lisos e quase repugnantes, ou a comer uma pratada de arroz de cabidela, pingando do garfo o sangue escuro e espesso.

O espelho veneziano era deslumbrante! Coroado por uma grinalda de rosas de tons desmaiados, a que a luz que entrava pela janela animava de cambiantes, de uma vida mineral, deslocada daquela casa, sim, deslocada dali.

A parede ao fundo, do lado do senhor Melo, que pertencia ao mesmo quarto, tinha um prego, onde estava pendurado um panamá, esfiado na aba. Via-se meia folha de porta pintada com fingidos de madeira.

Eu, encoberta pelas glicínias da varanda em frente, assestava os binóculos, e eram horas de silêncio e de vigia.

O senhor Melo tinha os olhos azuis, tão claros, cobertos de uma névoa, como os cegos. No braço es-

querdo, quando arregaçava a manga da camisa, via-lhe uma âncora tatuada. Igual às âncoras gravadas nos cabos dos talheres que meu avô comprava nos salvados dos navios, e que serviam nas cozinhas.

Dizia-se que ele andara pelas Américas, suspeitava-se que tivera uma vida errante e aventureira, e que voltara doente, numa fraqueza extrema, e desiludido com o nada que encontrara e lhe inspirasse um fôlego, e uma razão para a vida.

Deitou-se numa cama de rede de linho, franjada, e as moscas-varejeiras embalavam-lhe o sono e os desejos, descontraídos da realidade dos dias.

Entretanto, Adelaide ia a pé, voltava a pé, dois quilómetros para lá, dois quilómetros para cá, comprar linhas, comprimidos de *Optalidon*, e uma Agenda do Lar. Seguia à risca como perfumar tabaco, e informava-se cada dia das horas do nascer e do pôr-do-sol. As linhas da contabilidade ficavam vazias.

Soma...

Saldo de ontem...

Diferença...

Recebido hoje...

Saldo para amanhã...